

# Reprovação é debatida na rede pública

Ivaldo Cavalcante

A reprovação de 123 mil e 200 alunos da rede oficial de Brasília, estimada pela Fundação Educacional (FEDF), abriu amplo debate entre pais e diretores regionais de ensino. É que os pais querem, além de uma justificativa para o elevado número de repetência (o índice corresponde a 35% dos alunos matriculados nas escolas públicas), a realização de uma recuperação especial em fevereiro. Os números definitivos só serão divulgados pela Fundação no dia 12 de janeiro.

Na Ceilândia e no Gama, onde é esperado o maior número de reprovações, os debates são mais acirrados, acontecendo todos os dias, em escolas diferentes. Hoje, às 14h00, na Escola Classe 46, a população se reúne com representantes da FEDF, Sindicato dos Professores e Associação União e Luta do P Sul para discutir as origens da reprovação. Porém o objetivo principal do encontro é forçar a aprovação da recuperação especial, que vai beneficiar cerca de 37 mil alunos só na Ceilândia.

## As queixas

As reclamações mais freqüentes, segundo Irene Azevedo, da regional do Gama, estão relacionadas com a constante troca de professores ao longo do ano. "O leque de queixas é enorme, mas o que os pais querem é que o ano de 88 seja visto com outros olhos, levando em conta os fatores que interromperam o processo educacional". Irene disse que as discussões têm sido proveitosa e a sua preocupação é frisar que apenas a recuperação não garante a aprovação.

Estes debates estão servindo para uma reflexão sobre o processo educacional como um todo. Cada regional está fazendo um diagnóstico do que aconteceu ao longo do ano. Alguns fatores, entretanto, são comuns no DF: a diversificação da clientela, as condições sociais, a

estrutura familiar e a própria administração das escolas são responsáveis pelo declínio do ensino, segundo avaliação das regionais de Sobradinho, Gama e Taguatinga.

A diretora regional do Gama afirma que mais de 50% dos alunos de escolas da periferia só estão preocupados com a merenda. "Para estes, o objetivo da escola não é ensinar, mas alimentar", comenta. Ela explica que neste caso o rendimento do aluno só acontece nas duas primeiras aulas. Nas três últimas, o nível fica condicionado à merenda escolar.

A estrutura física das escolas e a falta de material didático também são fatores fundamentais no processo. "No caso do Ciclo Básico (1<sup>a</sup> e 2<sup>a</sup> séries do 1º grau), sem material o professor não tem condições de exercitar o aluno. Este ano foi crítico, pois a ausência de material foi generalizada, faltando até objetos de primeira necessidade como o giz", comenta a assistente de direção da regional de Sobradinho, Maria Elisa Rezende.

## Currículo

É preciso rever o currículo escolar. Esta também é uma conclusão dos debates entre pais e diretores. Os diretores acreditam que é preciso ampliar ou modificar a carga horária de português. "São necessários pelo menos 10 horas semanais para o estudo de português. Hoje a carga é de apenas 5 horas no 1º grau e 6 no 2º grau".

Para a diretora regional do Gama a solução é criar uma integração de Português com as demais disciplinas do currículo. Os professores de Geografia, História e Ciências, por exemplo, devem verificar também a gramática. "O problema todo é decorrente da comodidade das provas objetivas, onde o aluno não escreve. Ele marca apenas um x ou preenche uma lacuna".



Ana Paula e Sandra reclamam da qualidade do ensino

## Ana e Sandra: atrasadas

Ana Paula e Sandra têm 13 anos e fizeram a 7<sup>a</sup> série na Escola Classe 23 da Guariroba. A maior preocupação delas é com a qualidade do ensino. E afirmam com segurança, que "quem estuda em escola da Fundação não consegue passar no vestibular".

As duas querem uma vaga na Escola da Fundação Bradesco pois acham que essa será a melhor forma de "garantir o futuro". "Até trabalho", diz Ana Paula, "a gente tem garantido quando sair dessa escola".

Sandra, apesar da mágoa com alguns professores, mostra-se capaz de compreender sua situação: "Tem muito professor que não gosta mesmo de explicar. Se a gente tem dúvida e pergunta, vem logo reclamando do salário".

Ana Paula acha "dureza" comparar o que está aprendendo na escola pública com o que outras amigas estão aprendendo na escola particular. "Já aconteceu muito. Eu abro o caderno de uma amiga da 5<sup>a</sup> série, por exemplo, e vejo que ela está estudando uma coisa que eu só fui saber na 7<sup>a</sup>".

As duas quiseram mandar um recado para as autoridades educacionais e escreveram exatamente o seguinte: "Ao pessoal da Fundação: Se vocês tivessem mais força de vontade, talvez o ensino público fosse mais fácil de ser desenvolvido", Paula, 13 anos; "eu pediria à Fundação que eles dessem apoio às escolas da Fundação já que dizem que somos o futuro do Brasil. Que fossem mais cautelosos na escolha de um professor", Sandra, 13 anos.